


A CRÍTICA DE EMMANUEL MOUNIER AO PROBLEMA DO HOMEM SINGULAR NO MARXISMO

Antonio Glauton Varela Rocha¹
Faculdade Católica Rainha do Sertão (FCRS)
 <https://orcid.org/0000-0002-3735-7447>

RESUMO:

Emmanuel Mounier busca um possível diálogo entre o personalismo e o marxismo. Este diálogo é ciente dos pontos de contato e de afastamento entre as duas teorias. Mounier não aceita o que ele chama de redução materialista do ser pessoal e insiste na consideração do espírito como constituinte da pessoa tanto quanto a matéria. Um reforma da sociedade precisa estar atenta tanto ao aspecto material como espiritual e moral da pessoa e da sociedade em que ela está situada. No projeto de revolução personalista e comunitária Mounier afirma ser fundamental que a *questão do homem singular* nunca seja considerada adiável, mas como uma preocupação simultânea às de ordem política e econômica.

PALAVRAS-CHAVES: Comunidade; Marxismo; Personalismo; Singularidade.

EMMANUEL MOUNIER'S CRITICS TO THE PROBLEM OF THE SINGULAR MAN IN MARXISM

ABSTRACT:

Emmanuel Mounier looks forward a possible dialogue between personalism and Marxism. This dialogue is aware of the contact and removal points between the two theories. Mounier does not accept what he calls of materialistic reduction of personal being and insists in the consideration of the spirit as constituent of the person as the matter. A reform of society must look even to the material, spiritual and moral of the person and the society where it is situated. In the process of personalist and communitarian revolution, Mounier states that it is fundamental that the *question of singular man* may never be considered deferrable, but as a simultaneous concern for the political and economic ones.

¹ Mestre em Filosofia pela Universidade Federal do Ceará (UFC), Ceará – Brasil. Professor e coordenador do curso de filosofia da Faculdade Católica Rainha do Sertão (FCRS) – Brasil. E-mail: glautonvarela@yahoo.com.br

KEY WORDS: Community; Marxism; Personalism; Singularity

Introdução

Mounier sempre se esforçou por um diálogo entre os personalistas e os marxistas (esforço mal recepcionado por alguns marxistas – que o consideravam espiritualista – e pela Igreja Católica – que à época não via possibilidades de diálogo com o marxismo). O motivo deste esforço era que para Mounier qualquer tentativa de exaltação da dignidade humana, e especialmente aquelas que são bem recebidas pelos menos favorecidos, não pode ser simplesmente ignorada. Mounier reconheceu em toda a sua vida que o marxismo tinha um potencial de personalização, mas também era firme em apontar o seu potencial de despersonalização. Para Mounier a pessoa é igualmente corpo e espírito, portanto o materialismo é unilateral (assim como o espiritualismo), por isso o marxismo, enquanto, materialista, é inevitavelmente incompleto em seu propósito de personalização e construção de uma sociedade mais justa. O desafio do diálogo proposto por Mounier é o de superar (dentro do que for possível) as dificuldades deste unilateralismo de modo a preservar o valor da singularidade humana. Como ponto de apoio para um diálogo frutífero entre personalismo e marxismo, Mounier aponta a seguinte ideia: no fim de toda proposta de revolução deve haver, a preocupação com a dupla dimensão da pessoa, o material e o espiritual.

A questão da singularidade humana é adiável?

Apesar de Mounier considerar o marxismo como uma teoria que representa em certos elementos um espaço de despersonalização (pelos motivos que veremos em breve), não deixava de reconhecer que nele haviam sementes de serviço à humanidade e por isso esperava superar certos problemas de ordem filosófica a fim de conseguir um diálogo mais amplo entre o personalismo e os marxistas. Por isso Mounier sempre afirmou a necessidade de não se cair num anti-marxismo ingênuo que cai por terra ante as primeiras leituras de Marx. A superficialidade destas críticas rasteiras acabam por confundir algumas questões:

O anti-marxismo confunde comumente uma série de realidades que nem sempre se encontram reunidas e que muitas vezes divergem: o movimento proletário; a sua sistematização no pensamento de Marx; a deturpação deste pensamento pelo marxismo que corre às ruas; a corrupção em segundo grau deste marxismo vulgar pelas exposições ilustres, reveladoras de incompetência ou de má fé, que deles fazem os seus adversários; o comunismo russo; o que nele é comunista e o que é russo; enfim, a direção dada ao comunismo por novas equipes e dirigentes (MOUNIER, 1967, p. 56).

Mounier entendia que “... a essência do cristianismo oferece um diálogo mais aberto aos materialistas contemporâneos [entenda-se aqui especialmente os marxistas] do que as sutilezas e as evasões idealistas” (MOUNIER, 1956, p. 108), e aqui se reforça o fato de que Mounier realmente era avesso aos pseudo-espiritualismos (espiritualismos sem vida) e que se aproximava do marxismo enquanto este apontava para a necessidade de pensar o mundo em suas relações concretas, para além das abstrações idealistas. Parte da teoria da alienação em Marx (a alienação do trabalhador que vê o produto de sua ação como algo estranho a si próprio; e a noção do possuidor que na realidade é possuído por suas posses) é profundamente elogiada por Mounier, tanto que ele identifica aqui um dos pontos em que o marxismo mais se aproxima do personalismo².

Atrai-lhe a aspiração marxista de desalienar ao homem devolvendo-lhe a propriedade de sua vida, de seu trabalho, de sua atividade criadora e o exercício da responsabilidade não gozada solitariamente, mas comprometida numa aventura audaz de transformação da história, para devolver ao homem o protagonismo do qual foi expulso (LOPEZ, 1989, p. 106).

Segundo Mounier, o objeto imediato deste processo de desalienação “... é a subversão do capitalismo e o estabelecimento de uma nova infra-estrutura econômica” (MOUNIER, 1967, p. 63). Mas a partir deste passo, como se deveria pensar o problema do homem singular, do homem como pessoa, a partir do marxismo?³ Mounier reconhece que Marx e o *marxismo primitivo* não foram tão insensíveis a esta questão como se costuma acusá-los.

... o marxismo sempre apontou como fim último da revolução “a libertação do indivíduo”, “o reino da liberdade” e o desaparecimento do Estado. Estas fórmulas, com efeito, muito mais vivas e orgânicas no marxismo primitivo do que nos defensores de uma ditadura “provisória” que já dura desde a vinte anos, testemunham que o problema da pessoa

² “Parece que num momento do seu pensamento Marx tenha ficado tão próximo quanto possível de uma dialética personalista, em sua análise da ‘alienação’. Alienação do trabalhador em um trabalho estranho, do burguês nas posses que o possuem, do consumidor em um mundo de mercadorias desumanizadas pela avaliação comercial, ao nosso ver, tantas formas de despersonalização, quer dizer, de uma desespiritualização progressiva que substitui um mundo de liberdades vivas por um mundo de objetos.” (MOUNIER, 1967, p. 76-77).

³ As críticas que Mounier destina ao marxismo são dirigidas menos a Marx do que aos marxistas. Não podemos ignorar importantes críticas de Mounier à visão de Marx sobre o homem, mas de modo geral a sua preocupação maior era um enfrentamento honesto com os comunistas (para Mounier o fenômeno do comunismo tinha um peso muito grande na Europa para ser tratado com indiferença ou com superficialidade) e com os teóricos marxistas de sua época.

foi entrevistado por ele, ao passo que um fascista conseqüente se recusa a pô-lo (Ibidem, p. 63-64).

De fato, para Mounier o problema do homem singular não foi completamente esquecido por Marx e o marxismo primitivo, o que já é um avanço, por exemplo, em relação ao fascismo, onde a questão nem mesmo é posta. O problemático é a questão foi apenas entrevista, pois a preocupação com *o homem em sua singularidade* foi tratada como um problema de segunda ordem, passível de adiamento. Na citação que vemos acima, fica claro que para Mounier o socialismo real (especificamente o que foi efetivado na Rússia) entendeu menos ainda a questão, e acabou por distorcer esta fórmula, numa “ditadura provisória” que já durava mais de 20 anos. É justamente desta perspectiva do marxismo – que ficou conhecido como *marxismo ortodoxo* (especialmente na figura dos leninistas) – que Mounier irá se afastar com mais intensidade e dirigir suas mais severas críticas (Cf. LOPEZ, 1989, p. 107; 109). Não é difícil entender o porquê da intensidade destas críticas. Um socialismo que se centra na esfera do Estado e degenera seus revolucionários numa burocracia que detém a posse dos meios de produção no lugar do povo e engendra uma nova opressão sobre a pessoa, representa, para Mounier, a forma mais dura da contribuição para o processo de despersonalização que se pode observar no universo marxista.

Mas voltando a questão do adiamento do problema do homem singular, diante de um Henri Lefebvre, que afirmara que “... durante cinquenta anos os problemas do homem não se porão” (MOUNIER, 1967, p. 58), Mounier responde que não há tempo a esperar, é preciso desde já centrar toda a revolução no valor da *pessoa*. Este adiamento foi pretexto para o totalitarismo comunista à época de Mounier, mas já em Marx representava problemas, de tal modo, vemos que para Mounier este processo de despersonalização não está presente somente no socialismo real. Por mais que Marx não apontasse para tamanhas concessões que o socialismo real deu ao Estado (em outras palavras: o endeusamento do Estado), tal adiamento nos remete, inicialmente, ao questionamento sobre o problema da possibilidade de se educar para a liberdade numa ditadura (mesmo que provisória); e também nos remete ao fato, não menos problemático, de que não era da pessoa que Marx partia em sua proposta de revolução. Por tudo isto, o fato de Marx não ter excluído o homem singular de seu projeto filosófico não impediu Mounier de apontar sérios problemas antropológicos que estão na base do marxismo.

O espiritual também é uma infraestrutura

A existência do homem pessoal está, para o marxismo, “... inteiramente enraizada na infra-estrutura econômica do seu meio e do seu tempo” (Ibidem, p. 61). A base *material* rege todo o universo do homem, uma vez que a matéria é o princípio constitutivo de tudo. Mas, ao menos em Marx, o materialismo marxista não é tão reducionista quanto aos temas da autoconsciência, da liberdade, da linguagem (realidades humanas mais complexas do que as demais atividades [ou características] físicas do homem); estas são na realidade, as características pelas quais, segundo

Marx, o homem encontra sua especificidade em relação aos outros animais (Cf. VAZ, 2004, p. 119). A ressalva de Marx seria a de que estas atividades ou características são apenas aspectos mais complexos da matéria; ou seja, não existe outro princípio ao qual elas sejam atribuídas e que na verdade foi o costume idealista de romper com as amarras do mundo concreto que acabou gerando a convicção de que tais atividades e características seriam atribuídas ao *espírito*.

A base de tal sistema é a realidade material/econômica; esta é a infra-estrutura que determina as demais realidades humanas, as diversas super-estruturas sociais (a política, o direito, a arte, a religião...) (Cf. MORAES in: AGUIAR, 2003, p. 26.). Mounier reconhece que em Marx esta relação não é de pura passividade, pois

... a interação (...) da infra-estrutura (econômica) e da super-estrutura (ideológica: filosofia, moral, religiões, direito, etc.) não é em sentido único. Marx e Engels várias vezes afirmaram que os “reflexos ideológicos” (a que nós chamamos o espiritual), conquanto não tenham realidade própria e sejam apenas produto dos processos econômicos, reagem, todavia, por seu turno, sobre esses processos materiais (MOUNIER, 1967, p. 59-60).

Mas apesar disto, não se pode negar que no fim das contas o fator determinante é a infra-estrutura; “as condições materiais da produção social objetivas são *determinantes em última instância*” (Ibidem, p. 65)⁴. Por mais rodeios que se queira fazer, no pensamento de Marx o primado do econômico é o ponto chave para todas as questões que envolvem o homem. Diante deste quadro, Mounier aponta qual é para o marxismo o motor essencial da história: “... é o trabalho infalível da razão científica prolongada pelo esforço industrial para tornar o homem, segundo o ideal cartesiano (...), mestre e senhor da natureza” (Ibidem, p.66). Mounier apresenta claramente este projeto e ideal de Marx e, diante de tal explicação podemos nos surpreender, crendo ou que Marx foi muito ingênuo ou que Mounier exagerou em sua crítica. Mas isso acontece porque esquecemos que a maturação histórica dos fatos nos permite julgar com mais clareza certos acontecimentos passados, mas enquanto eles estão acontecendo nem sempre é tão fácil fazer um bom discernimento sobre as influências que nos atingem ou sobre os fatos que temos de julgar. Hoje parece a (quase) todos que a visão de uma razão científica onipotente e garantidora do progresso incessante é bastante limitada, mas no século XIX era difícil para Marx, como para a maioria dos pensadores, ficar imune à confiança positivista nos poderes da razão e da ciência (Cf. EAGLETON, 1999, p. 12). Por isso, para o marxismo:

⁴ Ver também: MORAES, João de Quirino. *A teoria marxista na história do pensamento político*, in: AGUIAR, Odílio Alves; OLIVEIRA, Manfredo Araújo de; NETTO, Luiz Felipe (Orgs). *Filosofia Política Contemporânea*, p. 27.

... a imperfeição das condições econômicas é a única fonte do mal entre os homens e no próprio homem. Desenvolvamos a ciência, organizemos o trabalho, Graça operária da salvação coletiva, e pouco a pouco irão sendo debeladas a miséria, a doença, o ódio e talvez a morte. A insuficiência das condições materiais de vida é o único obstáculo ao desenvolvimento do Homem Novo (MOUNIER, 1967, p. 66-67).

Daí que, à época de Mounier, para os marxistas não restava outra convicção sobre a crise da sociedade: “... crise econômica clássica, crise de estrutura. Opera sobre a economia, o enfermo se restabelecerá” (Idem, 1956, p.20). É uma posição natural para um sistema materialista, sistema que, como acenamos acima, sofre forte influência de um contexto histórico positivista⁵. Mas o fato de haver explicação para tal convicção, não significa necessariamente que há também justificação (fundamento). Segundo Mounier, o marxismo acertou quando falava da urgência de uma transformação econômica, mas errou ao supervalorizar os valores econômicos.

Não podemos deixar de dar razão ao marxismo quando afirma um certo primado do econômico. Geralmente só despreza o econômico aqueles que deixaram de ser perseguidos pela neurose do pão cotidiano. Em vez de argumentos, um passeio pelos subúrbios talvez fosse preferível para os convencer. Na ainda tão primária fase da história em que vivemos, as necessidades, os hábitos, os interesses e preocupações econômicas determinam maciçamente os comportamentos e opiniões dos homens. Daqui não resulta que os valores econômicos sejam exclusivos ou sequer superiores a outros: o primado do econômico é uma desordem de que urge libertarmo-nos (Idem, 1976, p. 179-180).

Para Mounier “... a lacuna essencial do marxismo é a de ter desconhecido a realidade íntima do homem, a da vida pessoal” (Idem, 1967, p. 76). A inserção do homem na história é para o marxismo uma questão fundamental, e Mounier não discorda, no entanto, para Mounier, esta visão não estava aberta para outras realidades humanas, em especial a interioridade e acabou por gerar no marxismo, uma visão unilateral do homem. De tal modo, o marxismo buscou a solução biológico/econômica para os problemas humanos, mas como a realidade humana não se esgota nestes aspectos esta solução é invariavelmente frágil se desvinculada das mais profundas dimensões do homem. Mounier questiona ao marxismo sobre o papel da pessoa no projeto revolucionário que ele almeja.

⁵ Ainda sobre a influência positivista no marxismo, ver: “O humanismo marxista aparece, com efeito, como a filosofia última de uma era histórica que viveu sob o signo das ciências físico-matemáticas, do racionalismo particular e estreitíssimo que delas se originou, da forma industrial, inumana, centralizada, que encarna provisoriamente a suas aplicações técnicas. A assimilação, freqüente nos espíritos marxistas, do espiritual, do eterno ou do individual ao biológico, é significativa desse preconceito de base” (MOUNIER, 1967, p. 67).

O erro dos matemáticos, escrevia Engels, foi o de terem que um indivíduo pode realizar por sua própria conta o que unicamente pode ser feito por toda a humanidade no seu desenvolvimento contínuo”. Nós propagamos que o erro do fascismo e do marxismo é o de crer que a nação, ou o Estado, ou a Humanidade, pode e deve assumir no seu desenvolvimento coletivo o que só cada pessoa pode e deve assumir no seu desenvolvimento pessoal (MOUNIER, 1967, p. 97).

Por isso, segundo Mounier por trás do projeto marxista da construção de um homem novo e, antes, uma sociedade nova, há um pessimismo radical em relação à pessoa, disfarçado de otimismo pelo *homem coletivo* (Cf. *Ibidem*, p. 77). Este projeto do marxismo nasce da sua visão sobre a alienação. Por mais que Mounier elogie muitos aspectos desta teoria, não deixa de denunciar que há aqui o pressuposto de que o despertar humano de sua condição de expropriado não é possível a partir do homem singular, este precisa ser visto como parte da massa, a verdadeira instância firme, sólida e criadora (a massa acaba sendo entendida como o instrumento de formação da pessoa) (*Ibidem*, p. 77). Mounier, como dizia Jean Lacroix, “... não caminhou do personalismo à pessoa, mas da pessoa para o personalismo” (MOIX, 1968, p. 131); deste modo, querer construir toda uma nova civilização para depois pensar no *homem novo*, seria, para Mounier, inverter a ordem das mudanças necessárias⁶. Justamente por esta necessidade de se ter a pessoa como o ponto de partida, Mounier insistia que o marxismo “... não tem direito, mesmo a pretexto de criar o homem novo, de aviltar o homem presente” (*Ibidem*, 252). Este aviltamento (degeneração) da pessoa é visível tanto na teoria marxista – quando esta desconfia da liberdade, da responsabilidade e da capacidade de cada pessoa de assumir seu destino (e junto com isso desconfia que tal passo leve ao progresso humano no aspecto comunitário) –, como na prática marxista, quando sob o pretexto de uma necessária *ditadura provisória*, a vida das pessoas “... sofre o peso de um regime econômico e social que apenas deixa à liberdade um mínimo de exercício” (MOUNIER, 1967, p. 72). Para Mounier a revolução deve ser personalista e comunitária, e deve também unir a busca pela mudança das estruturas à busca pela mudança do homem, mas esta busca não deve partir de um adiamento da questão do homem singular⁷. Eis um ponto decisivo de distanciamento entre o personalismo mounieriano e o marxismo.

⁶ É salutar esclarecer que quando Mounier afirma que a pessoa é o ponto de partida, não está dizendo que seria necessário esperar que a reforma espiritual estivesse pronta para então se pensar nas mudanças estruturais (veremos esta discussão com mais detalhes no capítulo seguinte). Para Mounier a reforma das estruturas políticas e econômicas deve ser o primeiro passo prático da revolução, mas sempre tendo por base a referência da pessoa como um absoluto. Ou seja, as reformas mais urgentes no âmbito estrutural devem ser buscadas de modo urgente, mas se logo no início de tais reformas o absoluto da dignidade pessoal já está fincado no projeto da revolução almejada, não se corre o risco de adiar para um futuro incerto tais questões, e, o mais importante, a pessoa será respeitada em todos os passos da revolução. Claro que algumas mudanças no âmbito moral, especialmente no que se refere à educação, devem ser efetivadas junto das primeiras iniciativas, e serão paulatinamente reforçadas à medida que o ordenamento social seja reconfigurado num contexto de mais justiça social.

⁷ Sobre esta posição de Mounier, num artigo sobre a filosofia personalista, Paul Ricoeur observa: “Com o que contam os marxistas para fazer o homem novo? Com o efeito futuro das mudanças

O trabalho revolucionário profundo não se resume então a despertar no homem oprimido a consciência da sua opressão, impelindo-o assim para o ódio e para a reivindicação exclusivas, após uma nova evasão de si; é mostrar-lhe primeiro como fim último desta revolta a aceitação de uma responsabilidade e a vontade de uma superação, sem o que todos os aparelhos não passarão de bons instrumentos nas mãos de maus operários; e educá-lo *desde logo* [grifo nosso] para uma ação responsável e livre em vez de dissolver a sua energia humana numa boa consciência coletiva e na esperança, mesmo exteriormente ativa, do milagre das “condições materiais”. Ao lado das oposições doutrinárias, este “desde logo” é a principal divergência tática que nos separa dos melhores dos marxistas (MOUNIER, 1967, p. 74-75).

Vemos então que apesar do personalismo de Mounier e o marxismo possuírem pontos comuns, estes não são suficientes para tornarem as suas diferenças apenas aspectos superficiais. Marx dizia que “... o homem é um ser natural, mas é um ser natural humano” (Idem, 1976, p. 43), com isso quer dizer que é um ser inserido na natureza, mas com especificidades em relação aos demais animais (como a auto-consciência e a linguagem). Se lembrarmos todo o desenvolvimento do pensamento de Mounier sobre o tema da encarnação, a primeira vista poderemos concluir que a visão de homem nos dois autores é muito semelhante, mas aos nos determos sobre a análise marxista da crise social e sua proposta de revolução (análise e proposta que não dão a ênfase à questão da interioridade e do homem singular no nível que Mounier entende ser necessário), veremos que o fato de Mounier atribuir os elementos especificadores da pessoa a um outro princípio constitutivo do humano (o espírito) e em Marx estes elementos especificadores serem classificados como características mais elevadas da matéria, representam diferenças não simplesmente superáveis e que de fato culminarão em análises e propostas de soluções bem diferentes. Para Mounier “o espiritual também é uma infra-estrutura” (Ibidem, p. 49), e isso se faz certamente muito presente em sua visão de mudança social.

Revolução econômica e espiritual

Mounier defende uma intervenção no campo estrutural e moral, ou seja, é preciso mudar a estrutura econômica e atingir também a base dos valores, e não se trata de tal questão com uma calculadora, não se pode reduzir o problema a uma questão de economia. Mounier não esquece que em muitos casos a questão material é mais urgente, seria hipocrisia censurar um homem por não exaltar os valores pessoais

econômicas, políticas, e não com a atração exercida desde *agora* pelos valores pessoais sobre os homens revolucionários. Só uma revolução material enraizada num despertar personalista teria um sentido e uma oportunidade” (RICOEUR in: MOIX, 1968, p. 252).

quando ele se aflige pela falta do pão cotidiano. Fora alguns casos de heroísmo, não se pode pensar em ver nos homens a busca pelos valores antes de terem ao menos o mínimo para a sua sustentação biológica – a comida, a moradia, por exemplo (MOUNIER, 1976, p.49). Mas depois desse passo, a revolução material deve ser animada *desde logo* por valores pessoais⁸. Pelo mesmo motivo que Mounier discordou de Peguy⁹ quando este dizia que *a revolução deveria ser moral ou não seria*, discordava dos marxistas quando estes reduziam a revolução almejada a uma mudança estrutural. Para Mounier a necessidade de se compreender o homem como uma unidade fundamental entre matéria e espírito deveria estar sempre presente na teoria e na prática em prol de qualquer solução que se busque para sanar os problemas da sociedade, por isso, quando se falava da crise de seu tempo. Era preciso pensar sobre *o modo de vida*¹⁰, o posicionamento que a cada homem seria proposto, não adiantando muito garantir condições justas e dignas de vida se o jeito de viver escolhido continuasse a ser o da *mediocridade*, pois não duraria muito tempo para que esse jeito de viver nos levasse ao ponto inicial, com os mesmos problemas de ordem econômica.

A atividade industrial e científica do homem não é pois inútil, mesmo ao espiritual. (...) Mas que ela domine inteiramente a vida do homem e constitua a sua única metafísica, isso é que não podemos admitir.

Basta olharmos em torno de nós para nos darmos conta de que o desaparecimento da angústia primitiva, o acesso a melhores condições de vida não acarretam infalivelmente a libertação do homem, mas mais comumente talvez o seu emburguesamento e a sua degradação espiritual (...). Eis porque todo o progresso material constitui para nós o fundamento

⁸ Neste contexto, a pedagogia se torna um tema central, não apenas na revolução, mas na continuidade da sociabilidade que se segue. Não se trata de uma pedagogia dogmática com aspectos curriculares pré-determinados, mas de uma pedagogia que observasse sim certas linhas orientadoras que ajudasse não a moldar, mas em despertar pessoas livres, responsáveis, criadoras e que assumissem seu papel na sociedade como seres autônomos (é sempre bom lembrar que quando se fala autonomia em Mounier, não se está falando de individualismo) e não como partes de uma massa uniformizante. Este tema – assim como o tema dos valores – será tratado com mais detalhes no próximo capítulo.

⁹ Segundo Fernando Vela Lopez, Charles Peguy foi, entre todas as influências que Mounier recebeu, aquela que mais marcou sua atitude e sua obra (Cf. LOPEZ, 1989, p. 66).

¹⁰ Quando se fala de *modo de vida* não se está querendo falar de um comportamento cultural específico que se sobreponha aos outros, mas um modo de vida compatível com as dimensões básicas da pessoa. É um conceito geral, que pode abarcar as mais diversas manifestações de sociabilidade e culturas humanas, encontrando limite em sua abertura somente a partir do momento em que a dignidade da pessoa é ameaçada. Este ponto é, sem dúvida, polêmico, uma vez que os adeptos de uma filosofia desconfiada de qualquer tipo de perspectiva de uma natureza humana podem afirmar que em nome de uma pretensa natureza humana se podem legitimar sistemas opressores e exclusivistas. Mas como nada garante que uma perspectiva que retira a natureza humana do vocabulário filosófico previna o surgimento de sistemas opressores (se não há uma perspectiva a ser seguida, qualquer perspectiva pode ser justificada – inclusive as mais opressoras –, especialmente se estiver amparada pela mão pesada do poder), a colocação das duas posições no debate é legítima. Mounier fez uma escolha clara, que não foi a da neutralidade.

e a condição necessária, mas de forma alguma suficiente, de uma vida mais humana e de maneira alguma a sua realização ou o seu alimento. Uma revolução para a abundância, o conforto e a segurança, se os móveis não forem mais profundos, conduz mais seguramente, após as febres da revolta, a uma universalização do execrável ideal pequeno-burguês do que a uma autêntica libertação espiritual (MOUNIER, 1967, p. 73).

Mounier reconhece que existem alguns marxistas que almejam a uma renovação espiritual do homem, mas a confusão sobre o espiritual que está na base do marxismo sempre os leva para soluções unicamente estruturais; na perspectiva de Mounier o problema continua, pois ele não acreditava “... que de um arranque puramente econômico possam sair outros valores além do conforto e do poder” (Ibidem, p. 74). Esta confusão sobre o espiritual mina a proposta marxista de revolução¹¹. Para Mounier, tal confusão se deve primeiramente devido a um contexto histórico fortemente influenciado pelo positivismo (como já foi dito acima), mas também por culpa das omissões do cristianismo de sua época. Mounier sempre denunciou a complacência de grande parte dos cristãos com a desordem capitalista¹², e ao lado disto via como a concepção do espiritual era propagada por eles num molde de abstração e idealismos tais, que não sem certa razão alguns autores como Nietzsche e Feuerbach (a análise deste influenciou decisivamente a posição de Marx) analisaram o cristianismo como uma religião de fracos e iludidos. Isto não implica dizer que para Mounier o cristianismo seja o que eles pensaram que fosse, por isso ele enfrentou tais posicionamentos nas obras referidas e em toda sua obra em geral.

¹¹ “Nos volvimos, pues, hacia los marxistas y les dijimos: Por más sutil que sea vuestro materialismo, por más dialéctico y por más alejado del materialismo vulgar, del cual los defendeis, mientras quede un materialismo – ése que afirmáis – se mutila al hombre y se compromete la revolución” (MOUNIER, 1956, p. 21).

¹² Mounier várias vezes criticou a postura de boa parte dos cristãos por viverem uma fé muito desligada da realidade concreta, alheia aos sofrimentos dos que padeciam nas dificuldades materiais, além de não estarem atentos ao diálogo necessário com a modernidade. Desta crítica não isentou a Igreja Católica, apesar de ser um

católico praticante. Esta crítica está presente especialmente nas obras *O Afrontamento Cristão* (onde enfrenta as críticas de Nietzsche ao Cristianismo) e *Quando a Cristandade Morre*. Esta postura gerou inicialmente uma reação eclesial negativa, mas posteriormente a Igreja Católica reconheceu os méritos das denúncias de Mounier. Dolores Conesa Lareo aponta que este reconhecimento se fez sentir claramente em alguns documentos do Concílio Vaticano II, especialmente na *Gaudium et Spes*: “El Concilio explica que el centro de la dignidad de la persona es la conciencia moral, pero que esta se encuentra ante normas objetivas de moralidad. Habrá que ver hasta qué punto el personalismo francés influyó en esta nueva perspectiva de la moral conciliar. Mons. Delhaye atestigua que Hauptmann redactó la primera parte de la *Gaudium et spes* inspirado por el personalismo de Lacroix y Mounier. Además, según Delhaye, esta influencia del personalismo mantiene vigente la definición de persona de Boecio: *rationalis naturae individua substantia*. ‘Para *Gaudium et spes*, como para Nédoncelle, Mounier, Lavelle y Le Senne, la persona ya es una realidad objetiva’ (LAREO, 2007, p. 228-229).

Apesar de se explicar tal confusão, ela não deixa de se tratar de uma confusão. O aspecto material/econômico é, portanto, importante, mas não suficiente, para Mounier “... não há revolução material fecunda cujas raízes não sejam espirituais...” (MOUNIER, 1967, p. 74). Por isso, podemos dizer que o personalismo mounieriano reconhece os méritos do marxismo, reconhece inclusive certa dívida em relação às idéias de Marx, mas isso não apaga suas importantes e decisivas distinções, o próprio Mounier explicita isto muito claramente: “Nossa filosofia, que deve parte de sua saúde às águas marxistas, não recebeu contudo dele o batismo. Mesmo que ela recubra muitas perspectivas do marxismo, outros são os seus fundamentos e daí tudo se modifica” (Idem, 1971, p. 193).

Conclusão

O diálogo *personalismo-marxismo* não parece ser impossível, haja vista que a dignidade da pessoa humana está certamente entre os valores fundamentais para ambos. No entanto, o caminho proposto pelos dois grupos para efetivação desta dignidade possui consideráveis diferenças. A proposta de Mounier não resume a resolução dos problemas da pessoa à transformação econômica da sociedade; mesmo se esta for tomada pelo início da revolução, precisa ser movida pelos valores pessoais e ter como foco a realização da pessoa de modo integral; de modo mais simples: não é possível uma revolução realmente emancipatória se a preocupação é apenas com a comida e o salário, é preciso que junto destas questões (desde o início da proposta de mudança da sociedade) seja pensado como levar as pessoas a realmente serem livres, de modo a não serem apenas parte de uma massa, é preciso que seja pensado como levar as pessoas ao conhecimento das possibilidades de realização do ser humano. Dizer que estas possibilidades se encerram na autonomia de bens materiais (em outros termos, a independência financeira), mesmo que em moldes não individualistas, não seria ir muito além dos ideais capitalistas (quem em tese são alvos de críticas tanto dos personalistas como dos marxistas). Uma visão mais ampla sobre esta realização passa pela visão da pessoa em todas as suas dimensões. Diante disto, a proposta de revolução feita por Mounier (*revolução personalista e comunitária*) parece mais lúcida (ou pelo menos de maior alcance) que a proposta feita pelo marxismo.

Referencias bibliográficas:

AGUIAR, Odilio Alves; OLIVEIRA, Manfredo Araújo de; SAHD, Luiz Felipe Netto de Andrade e Silva. (Orgs). *Filosofia Política Contemporânea*. Petrópolis: Vozes, 2003.

EAGLETON, Terry. *Marx e a Liberdade*. São Paulo: Editora UNESP, 1999.

MOUNIER, Emmanuel. *O Compromisso da Fé*. São Paulo: Duas Cidades, 1971.

_____. *O Personalismo*. São Paulo: Martins Fontes, 1976.

_____. *Manifesto ao Serviço do Personalismo*. Lisboa: Moraes, 1967.

_____ . *¿Qué es el Personalismo?* Buenos Aires: Ediciones Críterio, 1956.

LAREO, Dolores Conesa. *Persona, Vocación y amor en el pensamiento de Louis Lavelle.* 2007. 305f. Tese (Doutorado em Teologia) – Facultad de Teologia, Universidad de Navarra, Pamplona, 2007. Disponível em: <<http://dspace.unav.es/dspace/handle/10171/6736>>. Acesso em: 12 de Mai/2010.

LOPEZ, Fernando Vela. *Persona, Poder, Educacion: Una lectura de E. Mounier.* Salamanca: Editorial San Esteban, 1989.

MOIX, Candide. *O Pensamento de Emmanuel Mounier.* São Paulo: Paz e Terra, 1968.

ROCHA, Acílio da Silva Estanqueiro. *Personalismo e Europeísmo: Pessoa, Cultura, Europa, in: José Luís Brandão da Luz. Caminhos do Pensamento.* Lisboa: Edições Colibri/Universidade dos Açores, 2006.

VAZ, Henrique de Lima. *Antropologia Filosófica.* v. 1. 7. ed. São Paulo: Loyola, 2004.